



HAL
open science

Scores might or might not

Marcello Messina

► **To cite this version:**

Marcello Messina. Scores might or might not. VII Simpósio Internacional de Música na Amazônia, Damián Keller; Francisco Zmekhol Nascimento de Oliveira; Humberto Amorim; Jefferson Tiago de Souza Mendes da Silva; Marcello Messina; Marcus Bonilla; Max Packer; Rafael Ricardo Friesen, Nov 2019, Rio Branco, Brazil. hprints-02428080

HAL Id: hprints-02428080

<https://hal-hprints.archives-ouvertes.fr/hprints-02428080>

Submitted on 4 Jan 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Public Domain

Scores might or might not

APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Marcello Messina

Universidade Federal da Paraíba – marcello@ccta.ufpb.br

Nota de programa: *Scores might or might not*, ou seja, as partituras podem, assim como podem não ser, não representar, não constituir o elemento mais crucial no contexto da significação musical. Trata-se de duas laudas de partitura gráfica: uma bagunça de objetos inacabados, contraditórios, sobrepostos maldosamente e sem algum tipo de linearidade. A partitura abdica da sua pressão normativa sobre as ações dos executores, renuncia ao seu status de texto “sagrado” e torna-se exatamente pré-texto, tanto no sentido de constituir apenas uma desculpa para que a música aconteça, quanto no sentido de representar exatamente um prelúdio gráfico ao texto que vai ser continuamente tecido, desfeito e re-tecido através da performance.

Abstract: *Scores might or might not*, that is, they might or might not represent or constitute the most important element in the context of musical meaning. We are in the presence a two-page graphic score: a chaos of unfinished and contradictory objects, badly juxtaposed, and devoid of any sort of linearity. The score gives in its normative pressure over the performers’ actions, renounces its status as a “sacred” text, only to become precisely a pre-text, both in the sense of being just an excuse for the music to happen, and in the sense of being a graphical prelude to the text that is going to be continuously written, unwritten and rewritten through performance.

Scores might or might not, ou seja, as partituras podem, assim como podem não ser, não representar, não constituir o elemento mais crucial no contexto da significação musical (COOK, 2009). No caso da partitura em questão, a abordagem gráfica talvez já questione o jeito “tradicional” de “escrever” ou “representar” a música (FRANÇOIS, 1992), se bem que a partitura gráfica tenha se tornado, em alguns casos, um clichê de certa “música experimental”, uma prática já amplamente institucionalizada e codificada em precisos âmbitos subculturais.

As duas laudas em questão, preparadas em formato A4 paisagem (fig. 1), foram escritas em 2015 e atenciosamente rejeitadas pelo conjunto britânico Vocal Constructivists, autor da chamada original. Em agosto de 2016, o conjunto australiano ANU New Music Ensemble aceitou a peça e a estreou em Canberra. O fato de que até agora não recebi nenhum registro dessa performance reforça a distância incolmatável entre essas duas laudas que compõem a partitura e os eventos sociais e musicais que brotam a partir delas.



The image shows a page from a musical score titled "Scores might or might not" by Marcello Messina. The score is presented as a grid of numbers and arrows, with some cells containing musical notation. A large black redaction box covers a significant portion of the score. Annotations include text boxes such as "scores might or might not" and "respond to this context", and a stick figure icon pointing to a circled "10".

Row	Col 1	Col 2	Col 3	Col 4	Col 5	Col 6	Col 7
4	→					4	→ 8
8	→					8	→ 8
9	→					9	→ 9
10	→	10	0	10		10	→ 10
2	→	4	-8	2		2	→ 4
7	→	7	0	7		7	→ 7
2	→	4	-8	2		2	→ 4
4	→					4	→ 8
10	→					10	→ 10
7	→					7	→ 7

Figura 1: *Scores might or might not*, página 1

Isso não quer dizer que “qualquer coisa vale” (LISSOVSKY; SIQUERA, 2015). A performance, vista como prática coletiva e negociativa, continua seguindo algum tipo de normas sociais - possivelmente desviantes das parafernália tradicionalmente associadas à sala de concerto (KELLER et al, 2010) e à relação constrangida e coercitiva com o público, mas não por isso menos rigorosas ou atentas (COSTA; BRITO; CIACCHI, 2018). Ao contrário, é a partitura que abdica da sua pressão normativa sobre as ações dos executores, renuncia ao seu status de texto “sagrado” e torna-se exatamente pré-texto, tanto no sentido de constituir apenas uma desculpa para que a música aconteça, quanto no sentido de representar exatamente um prelúdio gráfico ao texto que vai ser continuamente tecido, desfeito e re-tecido através da performance.

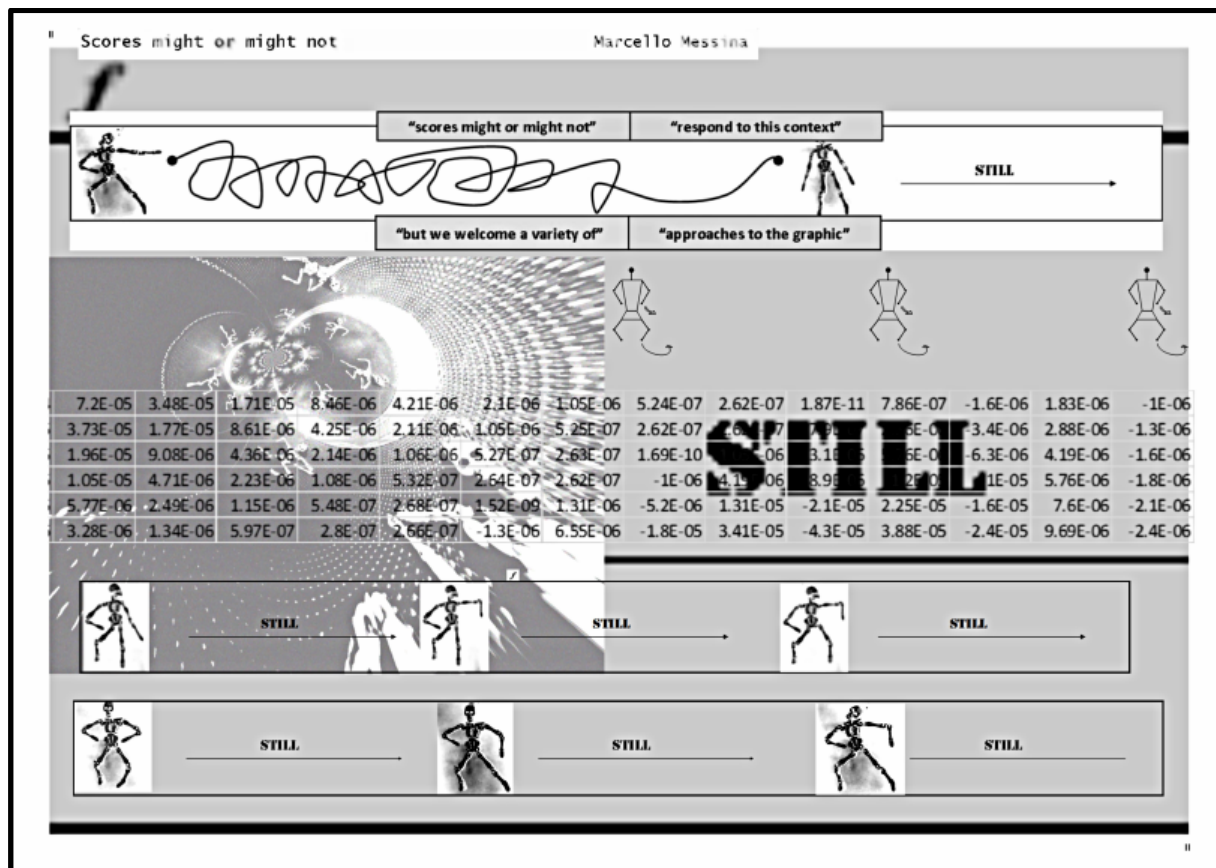


Figura 2: *Scores might or might not*, página 2

Como mencionado acima, a tarefa de questionar práticas musicais consolidadas através de uma prática musical, também consolidada, qual a partitura gráfica, é, por si mesmo, altamente problemática. Nesse sentido, e sem dúvida, *Scores might or might not* é um clichê, de um jeito ou de outro. Entretanto, esqueçam-se das linhas de forças direcionadas, do *colour coding*, das bulas de instruções, da hibridação com a notação tradicional “erudita europeia”, o preciosismo gráfico e o acabamento minucioso: as duas laudas desta partitura são uma bagunça de objetos inacabados, contraditórios, sobrepostos maldosamente e sem algum tipo de linearidade.

Scores might or might not, em outras palavras, não pretende apresentar uma série de “rabiscos pitorescos, gráficos e fantasias”¹ que poderiam ser “consideravelmente mais admiradas pela sua atratividade e conteúdo visual do que pelo que pretendem comunicar: a música em si”² (EVARTS, 1968, p. 405-407). Ao contrário, ao mesmo tempo em que não pretende ser “a música”, no sentido de não constituir o elemento mais crucial no contexto da

¹ “picturesque squiggles, graphs and fantasies”

² “considerably more admired for their visual appeal and content than for what they were intended to communicate: the music itself”

significação musical de uma determinada performance, *Scores might or might not* nem aspira a ser arte visual, ou pelo menos não aspira a ser atrativa em termos visivos (fig. 2).

Voltando à multidão de objetos desordenados e mal sobrepostos que povoam as duas laudas da partitura, ilustrar a função de cada um desses elementos no contexto da poética da partitura não faz parte dos propósitos desse texto, e nem é necessariamente interessante ao fim da performance. Ao mesmo tempo, a interpretação desses elementos no contexto da performance é deliberadamente deixada à discrição de quem tocou ou tocará uma peça a partir dessas laudas. Assim, a partitura perde a relação com quem a criou, e ao mesmo tempo não gera um vínculo definitivo e coerente com quem vai executá-la. Ela é suspensa precisamente entre o *might* e o *might not*, o poder e o poder não.

Satisfeita com esse destronamento simbólico, a partitura se contenta do próprio papel meramente pré-textual, aspirando ainda a um reconhecimento enquanto objeto que pelo menos pode (ou pode não) encorajar, sugerir, e/ou ativar algum tipo de ação performática.

Referências bibliográficas

COOK, Nicholas. 'Changing the Musical Object: Approaches to Performance Analysis'. In **Music's Intellectual History**, New York, RILM, 2009, p. 775-90.

COSTA, Valério Fiel da; BRITO, Luã Nóbrega de; CIACCHI, Matteo. Mudando o objeto mais uma vez: um modelo possível de análise morfológica. In: **XXVIII Congresso Da Associação Nacional De Pesquisa E Pós-graduação Em Música**, 28, Manaus. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2018, p. 1-9.

EVARTS, John. The New Musical Notation: A Graphic Art?. **Leonardo**, p. 405-412, 1968.

FRANÇOIS, Jean-Charles. Writing without representation, and unreadable notation. **Perspectives of New Music**, p. 6-20, 1992.

KELLER, Damián; Barreiro, D. L., Queiroz, M., & Pimenta, M. S. Anchoring In Ubiquitous Musical Activities. In: **ICMC**. 2010.

LISSOVSKY, Mauricio; SIQUEIRA, Maria Fantinato. Em busca do som qualquer: música experimental e experiência da comunicação. **Anais do 24º Encontro Nacional da Compós**, Brasília, 2015.

						4	→	8
		"scores might or might not"		"respond to this context"				
		"but we welcome a variety of"		"approaches to the graphic"				
						9	→	9
						10	→	10
						2	→	4
						7	→	7
						2	→	4
						4	→	8
						10	→	10
						7	→	7



10



10

0

10

2



4

-8

2

7

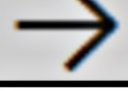


7

0

7

2



4

-8

2

4

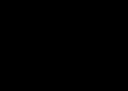


4

-8

2

10



4

-8

2

7



4

-8

2

II III I

OO

III

II O III

III OO

II O O O

III O X



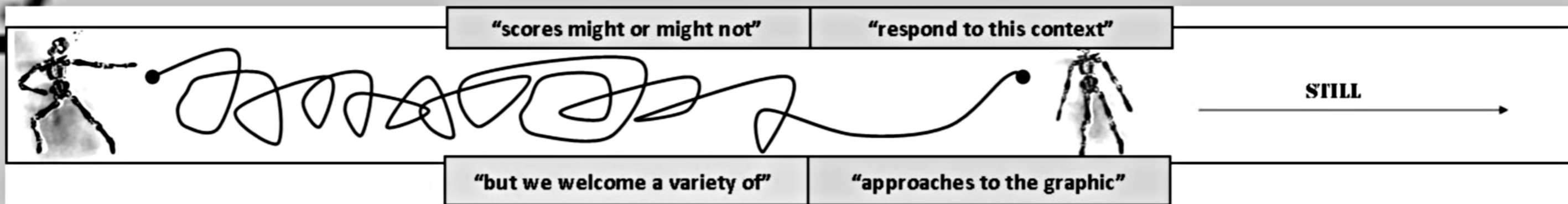
STILL



STILL



STILL



7.2E-05	3.48E-05	1.71E-05	8.46E-06	4.21E-06	2.1E-06	1.05E-06	5.24E-07	2.62E-07	1.87E-11	7.86E-07	-1.6E-06	1.83E-06	-1E-06
3.73E-05	1.77E-05	8.61E-06	4.25E-06	2.11E-06	1.05E-06	5.25E-07	2.62E-07	2.6E-07	7.9E-07	6E-07	-3.4E-06	2.88E-06	-1.3E-06
1.96E-05	9.08E-06	4.36E-06	2.14E-06	1.06E-06	5.27E-07	2.63E-07	1.69E-10	1.0E-06	3.1E-06	6E-07	-6.3E-06	4.19E-06	-1.6E-06
1.05E-05	4.71E-06	2.23E-06	1.08E-06	5.32E-07	2.64E-07	2.62E-07	-1E-06	4.1E-06	8.9E-06	2E-06	1E-05	5.76E-06	-1.8E-06
5.77E-06	2.49E-06	1.15E-06	5.48E-07	2.68E-07	1.52E-09	1.31E-06	-5.2E-06	1.31E-05	-2.1E-05	2.25E-05	-1.6E-05	7.6E-06	-2.1E-06
3.28E-06	1.34E-06	5.97E-07	2.8E-07	2.66E-07	-1.3E-06	6.55E-06	-1.8E-05	3.41E-05	-4.3E-05	3.88E-05	-2.4E-05	9.69E-06	-2.4E-06

